

## NARRATIVAS DE FACÇÕES DE COSTURA NO MUNICÍPIO DE SINOP/MT

NARRATIVES OF SEWING FACTIONS IN THE MUNICIPALITY OF SINOP/MT

NARRATIVAS DE LAS FACCIÓNES DE COSTURA EN EL MUNICIPIO DE SINOP/MT

Jadelson Rodrigues da Silva - jadelson.rodrigues@unemat.br

Submissão em: 22/06/2024

Aceito em: 01/07/2024

### RESUMO

O faturamento da cadeia têxtil e de confecção no Brasil gira em torno de 193,2 bilhões de reais. No estado do Mato Grosso, seu faturamento corresponde a 421 milhões de reais. Além disso, o aumento de interesse pelo setor vem crescendo devido ao cultivo de algodão no estado. Porém não há muitos registros sobre facções de costura na região norte mato-grossense. Portanto o objetivo deste artigo é evidenciar o processo de terceirização nas facções de costura do município de Sinop-MT por meio de narrativas de empreendedores e costureiras(os) do setor. Por meio da metodologia de História de Vida, foram realizadas 6 entrevistas com intuito de identificar dificuldades a partir dos pontos de vista dos principais atores desse contexto. Entre os principais problemas foram identificados o preço da matéria prima, falta de financiamento, elevado custo energético, enquadramento fiscal das empresas, excesso de horas trabalhadas, dependência da sazonalidade de serviço, prazo de entrega apertados, baixo valor pago pelos serviços e falta de seguridade social.

**Palavras-chave:** Costura. Narrativas. Terceirização. Trabalho

### ABSTRACT

The revenue of the Textile and Clothing Chain in Brazil is around 193.2 billion reais. In the state of Mato Grosso, its profits correspond to 421 million reais. Furthermore, there is interest in the sector due to cotton plantation in the state. However, there are not so many records about sewing factions in the northern region of Mato Grosso. Therefore, the objective of this article is to highlight the outsourcing process in the sewing factions in the city of Sinop-MT through narratives from entrepreneurs and seamstresses in the sector. Using the Life History methodology, 6 interviews were carried out with the aim of identifying difficulties from the points of view of the main actors in this context. Among the main problems were identified the price of raw materials, lack of financing, high energy costs, companies' fiscal framework, excessive hours worked, dependence on seasonality of service, tight delivery time, low value paid for services and lack of social security.

**Keywords:** Sewing. Narratives. Outsourcing. Work

### RESUMEN

La facturación de la cadena textil y de confección en Brasil ronda los 193,2 mil millones de reales. En el estado de Mato Grosso, sus ingresos corresponden a 421 millones de reales. Además, el interés en el sector ha ido creciendo debido al cultivo de algodón en el estado. Sin embargo, no hay muchos registros sobre facciones costureras en la región norte de Mato Grosso. Por lo tanto, el objetivo de este artículo es resaltar el proceso de subcontratación en las facciones de costura de la ciudad de Sinop-MT a través de narrativas de empresarios y costureras del sector. Utilizando la

metodología de Historia de Vida se realizaron 6 entrevistas con el objetivo de identificar dificultades desde el punto de vista de los principales actores de este contexto. Entre los principales problemas se identificaron el precio de las materias primas, la falta de financiación, los altos costos de la energía, el marco fiscal de las empresas, el exceso de horas trabajadas, la dependencia de la estacionalidad del servicio, los ajustados tiempos de entrega, el bajo valor pagado por los servicios y la falta de seguridad social.

**Palabras clave:** Costura. Narrativas. Subcontratación. Trabajo

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil se destaca como o 5º maior produtor têxtil e o 4º maior produtor de vestuário do mundo pela Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT). Durante o ano de 2021, o país produziu cerca de 9,05 bilhões de peças em 2019; gerou 1,36 milhão de empregos diretos e 8 milhões de empregos indiretos (SOARES, 2022).

Mas esses resultados são provenientes de 4 fases de expansão. Segundo Catolino (2002), a primeira etapa iniciou-se a partir da ocupação do território brasileiro, em 1500, cuja colônia confeccionava artigos de baixo custo para não atrapalhar a comercialização de itens de vestuário por Portugal. Já a segunda etapa, é caracterizada por apresentar a primeira política interna do governo em benefício à indústria da confecção. A terceira fase é caracterizada pela consolidação da indústria têxtil durante as Grandes Guerras. A quarta e última fase, se iniciou nos anos 50 e beneficiou-se da globalização e da competitividade (CATOLINO, 2002).

Nesse cenário econômico como a abertura comercial e a queda da inflação, as empresas brasileiras continuaram sua expansão, resultando em um grande número de pequenas e médias empresas de confecções (GONÇALVES, 2016). Surge a facção, que segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), são confecções que prestam serviços para outras empresas do ramo que possuem marca própria e foco na comercialização, dentro da cadeia produtiva do setor têxtil. Portanto, uma facção não vende seus produtos diretamente no varejo, realizando somente trabalhos de corte, montagem e acabamento de peças do vestuário para outras confecções (GONÇALVES, 2016).

Para Corteletti (2020), a informalidade e a terceirização característica das facções são utilizadas como modelos de empreendedorismo e autonomia no processo produtivo, como forma de aumentar os lucros da produção. Por meio do uso da terceirização não precisam ter sob o controle a produção de todas as etapas da produção, o que lhes permite enxugar os custos. É comum que uma facção terceirize para outra facção, ou seja, enfatizando formas de trabalho, marcadas pela precariedade e intensificação do trabalho.

Pasinato (2021), em sua tese retrata o trabalho das pequenas facções situadas na cidade de Cuiabá é, em sua grande maioria, na própria casa das costureiras. A autora ressalta que a cidade de Cuiabá não está no imaginário da população brasileira como uma cidade que produz moda ou como um polo de confecções. Porém, o estado de Mato Grosso é reconhecido por ser um forte produtor de algodão, uma das matérias primas utilizadas para as confecções. Se a cadeia têxtil for analisada desde a produção da matéria-prima até a comercialização de artigos de vestuário em lojas, a cidade de Cuiabá, possui uma representatividade muito maior no setor de comércio do que no setor da indústria ou do agronegócio.

Embora a geração de renda para o estado gire em torno de 421 milhões de reais (VALIM, 2019), as facções de costura encontram dificuldades de se estabelecerem ou mesmo de expandirem, devido a restrição de impostos e enquadramentos fiscais, e acabam por precarizar a força de trabalho. Estudar esse contexto social no estado do Mato Grosso é importante para compreender um paralelo entre desenvolvimento e sociedade. Portanto o objetivo deste artigo é evidenciar o processo de terceirização nas facções de costura do município de Sinop-MT por meio de narrativas de empreendedores e costureiras(os) do setor.

Para atingir esse objetivo foram entrevistados donos de facções de costura e costureiras que atuam como mão de obra terceirizada. A análise terá como foco a história de vida dos proprietários de malharias que utilizam a facção de costura assim como a análise do perfil da mão de obra terceirizada, identificando gargalos na gestão e a influência na tomada de decisão do empreendedor sobre o rumo de seu negócio. Ao conhecer como os micro e pequenos empreendedores constituem suas facções de costura é possível identificar seus pontos fortes e fracos na gestão de seu negócio. Além disso, é possível identificar o impacto da terceirização de serviços de costura no setor.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Histórico das facções de costura

Conforme Catolino (2002), a indústria têxtil no período colonial era a insipiente, pois o Brasil colônia era obrigado a confeccionar artigos a baixo custo, pois não deveria atrapalhar a comercialização de itens de vestuário pela metrópole portuguesa no mercado europeu.

Em um segundo momento, ocorre a primeira política interna do governo em benefício à indústria da confecção, possibilitando que a industrialização começasse a despontar no cenário brasileiro. Segundo Catolino (2002), essa fase pode ser considerada como um período de estímulos ao setor têxtil brasileiro.

Mas foi no período durante as Grandes Guerras, que a indústria têxtil no Brasil se desenvolveu. Durante a Segunda Guerra Mundial grandes mudanças aconteceram na estrutura da indústria brasileira, permitindo que o país deixasse de ser um importador e passasse a exportar, favorecendo o mercado interno (CATOLINO, 2002).

O Brasil passou por várias mudanças econômicas e políticas no começo do século XIX até a conclusão da primeira metade do século XX. As indústrias se tornaram mais desenvolvidas e atraíam mão de obra para a região. O crescimento do cultivo de algodão conquistou o interesse de imigrantes que trouxeram informações primordiais para as áreas de produção e beneficiamento, já que em seus países de origem a industrialização e o setor têxtil usavam técnicas mais avançadas que o Brasil (SOARES, 2022).

A quarta e última fase, que continua na atualidade, se iniciou nos anos 50 e beneficiou-se da era da globalização e da competitividade. Em função do mercado globalizado, a partir dos anos 80, os principais países produtores de têxteis reestruturaram tecnologicamente suas empresas. Enquanto a indústria brasileira estava em expansão, e atuava somente no mercado interno. Assim, a indústria brasileira não conseguiu acompanhar a competição externa, e seu parque industrial têxtil tornou-se obsoleto (CATOLINO, 2002).

Somente com a estabilização da moeda em 1994, durante o Plano Real, o Brasil voltou a retomar o crescimento e ter competitividade internacional (CATOLINO, 2002). A partir daí, mudanças no cenário econômico como a abertura comercial e a queda da inflação, possibilitaram que as empresas brasileiras continuassem a expandir, resultando no grande número de pequenas e médias empresas de confecções que existem atualmente. Algumas características da indústria de confecções, que são percebidas em diversos contextos nacionais e que permitem compreender melhor esse setor (COLBARI, 2002).

Foi a partir de pesquisas como a de Lima (2009), Matos (2008) e Siqueira (2012), que foi identificado na indústria têxtil a existência de um cenário de terceirização através da exploração do trabalho, informalidade e precarização em cidades da Região Sul e Nordeste do país. Assim como a indústria têxtil, a terceirização modificou-se de forma estrutural, o conjunto da base produtiva e de serviços no país passou a adotar modelos organizacionais, pautados pela produção “flexível” e “enxuta”, criando formatos de empresa e tipos de contrato de trabalho de natureza distinta daqueles que vigoravam na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) (MARCELINO; CAVALCANTE, 2012).

## 2.2 Terceirização nas facções de costura

A terceirização alterou estruturalmente o mercado de trabalho, empresas e trabalhadores passaram a se relacionar em condições econômicas, políticas e sociais distintas. Essas relações podem ser tão diferentes que Abreu e Sorj (1994) consideram que há duas modalidades de terceirização. A primeira modalidade envolve uma terceirização da produção motivada pela busca de níveis superiores de qualidade para expandir a capacidade produtiva. Enquanto a segunda, é descrita como “terceirização por contingência”, em que os serviços externos são vistos como mecanismo de redução de custos de produção. Nesse caso, ocorre a transferência de custos de energia, equipamento e espaço para os trabalhadores.

Segundo Marcelino e Cavalcante (2012), existem tendências da acumulação capitalista que irão fundamentar qualquer processo de reestruturação produtiva, não levando em consideração critérios de atividades auxiliares ou atividades-meio e atividades-fim. Para Andrade Baltar (2009), foram os empresários, nas décadas de 1980 e 1990, que buscaram legitimar as terceirizações a partir do argumento de que, subcontratando atividades-meio, as empresas poderiam ficar focadas em suas finalidades. Mas Conceição e Lima (2009), já apontavam que alguns segmentos do setor empresarial reivindicariam a legalização da “terceirização total”, até mesmo as atividades-fim.

Logo em 31 de março de 2017, foi homologada a lei nº 13.429, que determinou que os serviços terceirizados se restringissem à atividade-meio. No mesmo ano, a lei nº 13.467 abriu uma brecha para uma possível terceirização nas atividades-fim das empresas. Mas foi em 30 de agosto de 2018, que o Superior Tribunal Federal (STF) julgou que seria lícita a terceirização em todas as etapas do processo produtivo (CORREIA, 2024).

Embora a terceirização de atividade-fim seja uma discussão recente, isso já ocorria na indústria têxtil da Inglaterra desde o século XVIII, por meio de facções de costura (LIMA, 2009). De acordo com Buettgen (2012), a facção de costura seria uma estratégia de produção para mobilizar os recursos organizacionais de maneira planejada, e assim minimizar os riscos durante a tomada de decisão.

Para Goulart Filho e Jenoveva-Neto (1997), a produção de peças de vestuário pode se organizar por meio da interação com pequenas firmas especializadas na produção de categorias de produtos específicos. Neste caso, a empresa contratante transfere a tarefa de fabricação dos seus componentes para empresas menores e concentra-se apenas na produção do artigo final, vindo a modernizar as relações de trabalho e estimular a cadeia produtiva (GOULART *et al.*, 2021).

Nesse contexto, as facções, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), são confecções que prestam serviços para outras empresas do ramo que possuem marca própria e foco na comercialização, dentro da cadeia produtiva do setor têxtil. Portanto, uma facção não vende seus produtos diretamente no varejo, realizando somente trabalhos de corte, montagem e acabamento de peças do vestuário para outras confecções (GONÇALVES, 2016).

As confecções englobam todo o processo das peças, da elaboração até o produto final, enquanto a facção se encarrega de uma parte da execução das roupas. O primeiro segmento, é composto por confeccionistas que possuem sua própria marca, e são responsáveis pela inovação e diversificação de seus produtos. Já as facções são os prestadores de serviços que fazem a montagem do vestuário. (MARCOLINO, 2022)

O trabalho de facção é realizado no espaço doméstico por costureiras e contratado pelas empresas do setor têxtil da região ou regiões vizinhas que transferem, para elas, a costura de seus principais produtos, entregando as peças cortadas e os insumos necessários para costura e acabamento. Assim, as empresas usufruem do trabalho de costureiras para confeccionar peças inteiras, sem ter que arcar com encargos trabalhistas (BARRETO; DOMINGOS, 2014).

Conforme Barreto e Domingos (2014), o sistema de facção é utilizado por grandes redes de lojas que utilizam como estratégia a terceirização da costura como forma de diminuir os custos e flexibilizar a produção. Segundo as autoras, é um segmento que exige pouco investimento em maquinário, mas que depende da habilidade da mão de obra contratada. Para Bastos (1993), a costura é a fase do processo produtivo que utiliza 80% do trabalho manual para confeccionar uma peça. Então para reduzir os custos, não se leva em consideração a qualificação formal dos indivíduos, mas sua habilidade e ritmo (BARRETO; DOMINGOS, 2014).

Para Barreto e Domingos (2014), as vantagens promovidas pelas facções de costura em um município são: a possibilidade de costureiras(os) criarem seu próprio negócio se tornando empresários; empreender com pouco investimento, focando somente no maquinário; fomento da autodependência financeira; abertura do sistema bancário para microcrédito; geração de empregos e renda dentro do contexto familiar.

Porém, Barreto e Domingos (2014), identificaram algumas desvantagens como: fraca identidade profissional para as costureiras uma vez que não há uma nítida divisão entre os afazeres domésticos, do papel de esposa, mãe, dona de casa e do trabalho profissional como empresária; perda do espaço e da privacidade domiciliar; envolvimento dos filhos no trabalho implicando prejuízo na infância e na educação escolar; subordinação escrava as condições, prazos, formas de pagamentos e ao baixo preço da peça; sazonalidade do trabalho quanto à insegurança da renda e da própria sobrevivência; elevada responsabilidade perante prejuízos quanto às peças danificadas, como também aos encargos trabalhistas dos costureiros.

### 2.3 Principais dificuldades enfrentadas pela facção

Um dos maiores problemas enfrentados por uma nova facção de costura, é o capital inicial. Em alguns casos, as costureiras recebem as máquinas de malharias para

trabalhar como faccionistas. Logicamente, isso envolve uma negociação em que o cliente alega que embora pague por um preço menor do que praticado no mercado, os costureiros não terão problemas e nem preocupações em relação ao maquinário. Para as facções que atendem exclusivamente o cliente, fica difícil desenvolver-se, pois o que faz este setor próspero é exatamente a concorrência e o compromisso. Outro ponto a ser considerado, é a disputa pelos melhores costureiros, o que ocasiona em um “leilão” pelos serviços (BARRETO; DOMINGOS, 2014).

Pasinato (2021), analisou a cadeia têxtil, desde a produção da matéria-prima até a comercialização de artigos de vestuário em lojas na cidade de Cuiabá, e encontrou problemas como a precarização e a informalidade. Neste caso, entende-se como precariedade a ausência dos direitos trabalhistas, a desproteção social, as condições ergonômicas impróprias e insalubres e a exploração do trabalho de forma geral.

Na capital do estado do Mato Grosso, foram encontrados problemas sociais, como a mão de obra explorada de forma irregular, escravização de crianças ou imigrantes ilegais. Em alguns casos, a subcontratação ocorre de maneira ilegal, que pode ocorrer voluntária ou involuntariamente. Por exemplo, uma fábrica de costura poderia subcontratar serviços de limpeza e de segurança, porém não poderia aos relacionados à costura, já que é uma atividade-fim ligada à sua atividade principal. Caso o fizesse, no futuro poderia ter problemas decorrentes de um processo judicial trabalhista (PASINATO, 2021).

Outro fator relevante, é que o faccionista também pode ter problemas jurídicos ao subcontratar contureiras(os). Como por exemplo, algum excesso na carga horária, falta de pagamentos, ou condições de trabalho precárias no geral, e a costureira contratada pelo responsável da facção pode entrar na justiça, processar a facção e a marca ou a fábrica que está terceirizando os serviços (PASINATO, 2021).

As vantagens e dificuldades apresentadas até aqui foram resultados de outros estudos realizados em outras regiões ou até mesmo em outra cidade do estado de Mato Grosso, porém para analisar essa temática no município de Sinop, foi necessário coletar dados dentro de uma metodologia de pesquisa, conforme será apresentado no tópico a seguir.

### 3 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo de evidenciar o processo de terceirização nas facções de costura do município de Sinop-MT por meio de narrativas de empreendedores e costureiras(os) do setor, foi feita uma pesquisa qualitativa-descritiva (BLATER; HAVERLAND, 2012; SAMPIERI; CALLADO; LUCIO, 2013) utilizando-se do método biográfico conhecido como história de vida (CLOSS; ANTONELLO, 2011; DENZIN, 1989; FERRAZZA; ANTONELLO, 2017; GODOY, 2018; SANTOS; SANTOS, 2008; SPINDOLA; SANTOS, 2003).

A investigação com base na história de vida busca responder às questões que indagam: “como” as pessoas apresentam seus argumentos ao expor suas trajetórias pessoais, “como” elas desejam se mostrar, “como” descrevem suas ações e suas vidas (GIBBS, 2009; CLOSS; ANTONELLO, 2011). Segundo Musson (2004), Jones (1983) e Godoy (2018), várias questões de pesquisa e temáticas podem ser investigadas usando-se a história de vida, como por exemplo: desenvolvimento de carreira, comportamentos e ações empreendedoras, processos de socialização, de interação social, de aprendizagem e de mobilização do conhecimento, práticas de trabalho e estilos gerenciais.

As entrevistas foram direcionadas a 3 empreendedores proprietários de malharias que utilizam os serviços de facções de costura no município de Sinop-MT, além de 3 costureiras(os) faccionistas.

Em relação à condução das entrevistas, foi feita uma única pergunta para cada grupo de entrevistados. A primeira, direcionada para empreendedores do ramo de malharias, “Conte-me sobre sua história de vida e sua trajetória empreendedora no ramo de facção de costura?”. E a segunda foi direcionada às costureiras(os) terceirizadas(os), “Conte-me sobre sua história de vida e sua trajetória no ramo de facção de costura?”. Conforme Trevisan *et al.* (2022), a questão norteadora permite que os entrevistados falem livremente sobre suas vidas e, quando necessário, é possível fazer perguntas adicionais para solucionar dúvidas durante suas narrativas.

O Quadro 1 mostra a representatividade e qualificação dos entrevistados, assim como a data da entrevista e o tempo de duração.

**Quadro 1. Representatividade e qualificação dos entrevistados**

Código do entrevistado	Características dos entrevistados	Data e realização da entrevista	Tempo de duração da entrevista
Malharia 01	1. Empreendedor	16/03/2024	57 min
Malharia 02	2. Empreendedora	29/04/2024	18 min
Malharia 03	3. Empreendedora	22/05/2024	20 min
Faccionista 01	4. Costureira	26/05/2024	17 min
Faccionista 02	5. Costureiro	29/05/2024	25 min
Faccionista 03	6. Costureira	31/05/2024	14 min

Fonte: Elaborado pelo autor.

Foram realizadas gravação e transcrição de entrevistas, observação participante e não participante, até o ponto de saturação. O ponto de saturação, ocorre a partir de certo número de entrevistas em que não há nada de novo a se acrescentar. Depois foi feita a leitura flutuante sobre as transcrições e análise temática (SANTOS; SANTOS, 2008).

A análise dos trechos de entrevista selecionados, de acordo com Closs e Antonello (2011), foi feita de acordo com o referencial teórico abordado, possibilitando a identificação de subcategorias, envolvendo padrões de experiências e significados semelhantes, testadas e reformuladas continuamente, organizadas em torno da questão de pesquisa proposta “Como os empreendedores e costureiras (os) interpretam a terceirização nas facções de costura do município de Sinop-MT?”.

#### 4 RESULTADOS

O faturamento da Cadeia Têxtil e de Confecção no Brasil gira em torno de 193,2 bilhões de reais (IEMI 2023). Enquanto a Indústria têxtil no estado do Mato Grosso corresponde a 421 milhões de reais. Embora esse número não seja tão expressivo quando comparado a outras regiões do país, o setor é responsável por 8.367 novos empregos diretos e 12.132 novos empregos indiretos no estado. O aumento de interesse pelo setor vem crescendo devido ao cultivo de algodão herbáceo e de outras fibras de lavoura temporária (VALIM, 2019).

O município de Sinop se encontra a 481 Km da Capital Cuiabá e apresenta uma população de 196.067 mil habitantes (IBGE 2022). Economicamente, destacam-se os setores de biocombustíveis, o transporte de carga e o abate e a fabricação de produtos de carne. Entre as 162 atividades econômicas que tiveram movimentações de

admissões ou desligamentos no último ano, 53 apresentaram saldo de empregos negativo, destacando-se os segmentos de artefatos têxteis (CARAVELA, 2024).

Até o dia 4 de maio de 2024, o município possuía um total de 18,1 mil microempreendedores individuais. Considerando o tamanho populacional da cidade, há uma taxa de 92,6 MEIs para cada mil habitantes. Este indicador está bem acima da média dos demais municípios e é a 3º maior taxa da região imediata. Durante o ano de 2023, o crescimento de MEIs tem sido bem acima da média brasileira, com um aumento de 12%, este desempenho é o 20º melhor do estado. No último mês, houve acréscimo de 204 registros do total de microempreendedores individuais (CARAVELA, 2024).

No que diz respeito a facções de costura, existem cerca de 171 malharias que adotam esse tipo de prestação de serviço. E para atender essas empresas existem uma média de 1.026 a 1.500 faccionistas (CARAVELA, 2024). Verificou-se que no setor houve queda dos empregos formais por CLT e aumento de MEIs e empregos informais.

Durante as entrevistas, foi verificado que existem malharias que adotam o modelo de facção de costura. As características de cada empresa são diferentes, porém possuem um ponto em comum que é a utilização de mão de obra terceirizada para conclusão de suas peças.

#### 4.1 A história de vida dos entrevistados

Conforme mencionado na metodologia, foram entrevistados 3 empreendedores, donos de malharias que foram abordados com o seguinte questionamento: “Conte-me sobre sua história de vida e sua trajetória empreendedora no ramo de facção de costura?”.

O primeiro entrevistado, é do gênero masculino, e é microempreendedor individual (MEI) desde 2016. O codinome adotado foi Malharia 01. Malharia 01 é proveniente do estado do Maranhão e já tinha experiência no ramo conforme fragmento da entrevista a seguir.

Eu já trabalhei em uma malharia. Eu entrei lá para a vaga de designer gráfico. Porém, como tinha poucos funcionários lá para poder ajudar nos demais serviços. Então quando eu já agilizava a minha parte do computador que era montar arte, eles pediam para eu fazer outros serviços nos demais setores, entre eles o setor de pintura, eu ajudava os meninos na pintura. E ajudando eles eu aprendi a pintar e observava as mulheres lá costurando, e vendo como é o processo na parte da costura. E como eu ficava nessa parte tanto de produção, de pintura e vendo o pessoal na costura. Também aprendi a atender os clientes lá na recepção, e como eu trabalhava de design, então eu tinha acesso direto com os clientes. Muitas das vezes eu tinha que atender o cliente, e já tentava fechar algum pedido. E com isso eu vi que era uma oportunidade para eu aprender a fazer de tudo (entrevistado Malharia 01).

Malharia 01 conheceu o município de Sinop no ano de 2009 por meio de 2 irmãos que moravam na região. Ele veio no período de suas férias e desde então começou a planejar sua vinda para Sinop, com intuito de empreender e empregar sua mãe, conforme observado a seguir.

Porque eu vi que era um serviço que daria para empregar no caso a minha mãe que tem algumas limitações por caso de saúde, não podia trabalhar em serviço pesado e tinha minha avó que ela cuidava. Então surgiu essa ideia



para eu abrir uma malharia e dar oportunidade para a mãe trabalhar em casa e ao mesmo tempo podendo assim cuidar da minha avó (entrevistado Malharia 01).

Outra motivação para Malharia 01 vir para o município era o desejo de fazer um curso superior, pois a região onde morava no Maranhão não possuía instituições de ensino de nível superior. Então, ele trabalhou por mais um ano na malharia e no seu período de férias fez um acordo com seu antigo patrão e mudou para Sinop no ano de 2011.

A princípio ele não tinha recurso suficiente para abrir uma empresa e começou a trabalhar em uma gráfica como designer gráfico. No mesmo período ele entrou uma faculdade particular para fazer o curso superior de gerenciamento de redes. Ele chegou a concluir o curso na universidade, mas somente no ano de 2016, quando fez um acerto em seu emprego, que Malharia 01 abriu sua empresa conforme o fragmento a seguir.

A gente começou a malharia aqui dentro de casa. Comprei algumas máquinas de início, tirei tudo que tinha dentro do meu quarto, só deixei o guarda-roupa, e coloquei todas as máquinas dentro do quarto. E para dormir eu colocava um colchãozinho ali debaixo das máquinas e dormia lá mesmo. Aí no decorrer do processo de abrir a empresa eu fiz alguns cursos pelo SEBRAE. De início, me indicaram que eu tinha que fazer, era abrir pelo SEBRAE. A gente faz um curso lá, aí eles dão todos os passos, de início, como você tem que abrir, até questão de consultoria, se você precisar, e tudo isso lá no SEBRAE tem. Então, eu fui por eles, aí já abri direto, fiz com inscrição estadual, inscrição municipal, o que precisa para comprar material de fora, porque aqui em Sinop tudo é caro e o que é bom, é muito absurdo de valor (entrevistado Malharia 01).

Já a entrevistada Malharia 02 veio de uma realidade diferente, sua malharia é um negócio de família. Eles vieram do município de Juara, no estado do Mato Grosso, e se consolidaram no município de Sinop há 12 anos. Atualmente é uma empresa de Sociedade Limitada (LTDA), que conta com 10 funcionários contratados, distribuídos entre vendas, produção, financeiro.

Malharia 02 iniciou a faculdade em estilismo e moda, mas não chegou a concluir o curso devido a demandas de trabalho em sua empresa. A entrevistada cresceu vendo sua mãe trabalhando no setor e optou por seguir o negócio de família, conforme explica no fragmento a seguir.

Por conhecimento, por já ter o conhecimento, né? A gente... Aprendi desde cedo, convivia desde cedo e aprendi a gostar desse ramo [...] Ah, eu aprendo até hoje. É vivendo e aprendendo, mas como profissional mesmo, tem uns 10 anos que eu trabalho profissionalmente mesmo. Antes era só mais curiosidade mesmo (entrevistada Malharia 02).

A entrevistada Malharia 03, morava no município de Alta Floresta, no estado do Mato Grosso, e no ano de 2019 na expectativa de montar seu negócio próprio, se mudou para Sinop. Atualmente sua empresa é classificada como Microempresa (ME), e emprega 10 funcionários formalmente e cerca de 06 costureiras na modalidade de facção de costura. Sobre o seu nível de escolaridade, a entrevistada possui o ensino médio completo. Ao ser perguntada sobre seu contato com a costura, conforme observado no trecho de sua entrevista, a mesma conta que não sabia costurar e que aprendeu durante um trabalho em uma empresa em Alta Floresta-MT.

Na época que eu comecei a costurar, eu tinha muita necessidade de um trabalho, né? E fui fazer uma entrevista na empresa e fiz a entrevista, já fiz o teste, passei e já fiquei trabalhando. Então, até o momento, eu nunca tinha trabalhado. Fiquei um dia trabalhando, eu já me interessei pela costura, passei no teste e continuei trabalhando na empresa por três anos e seis meses. [...] Não, eu não tinha muita experiência, mas eu cresci vendo minha mãe costurar, outras pessoas costurarem, mas experiência eu não tinha em máquina, em nada. Fui aprender lá quando eu entrei (entrevistada Malharia 03).

Depois de 3 anos e seis meses, conforme declarado pela entrevistada Malharia 03, ela se sentiu segura para mudar para Sinop. Um dos motivos que influenciou a escolha do município foi seu crescimento econômico.

Mas existe o outro lado das facções de costura, os casos apresentados até agora foram de empreendedores que conseguiram juntar recursos para empreender, mas existem também as(os) costureiras(os) que somente prestam serviços.

A Faccionista 01 tem 46 anos, e começou a trabalhar no ramo da costura como cortadeira em uma malharia em São Paulo, no ano de 2013. Nessa empresa ela foi adquirindo conhecimento sobre costura. Devido a alguns desentendimentos na empresa, dos quais não quis entrar em detalhes, Faccionista 01 se desligou da mesma. Mas ela continuou trabalhando na mesma cidade que residia em outra malharia. Somente em 2023 quando já estava morando em Sinop, que tomou a iniciativa de trabalhar com costura em sua casa. Ela também relata que a comodidade e flexibilidade do trabalho foram fatores determinantes para voltar ao ramo.

Tenho 46 anos, comecei como cortadeira em uma malharia em São Paulo, no ano 2013, na Corpo e Forma. Lá dentro eu fui tomando conhecimento sobre a costura, trabalhei em outras malharias. Aqui em Sinop, em 2023, eu tomei a iniciativa de costurar em casa, mas pela comodidade mesmo. O bom de ser fraccionista é trabalhar no conforto de sua casa (entrevistada Faccionista 01).

Ela ainda relata em sua entrevista que, em relação as empresas que atende, recebe reconhecimento pelo seu trabalho. As malharias pontuam positivamente sobre a qualidade de acabamento das peças e pelo fato de entregar dentro dos prazos acordados.

Tenho o meu ponto de vista em relação aos clientes que me passam serviço. É que eles reconhecem o nosso trabalho, assumindo os seus compromissos. É um trabalho justo, sim, uma boa organização nas peças, planejar a produção e motivar a produtividade para nós (entrevistada Faccionista 01).

Faccionista 02 é do gênero masculino e é proveniente da cidade de Belém, no estado do Pará. Ele relata que sua avó trabalhava como costureira realizando consertos e reparos, enquanto ele trabalhava em uma empresa local. Porém, com o falecimento de sua avó, período que coincidiu com sua demissão, para que não ficasse desamparado financeiramente, ele aproveitou as máquinas que eram da sua avó e começou a trabalhar em casa. Ele tinha interesse em ser designer de moda, então entrou em uma faculdade particular e fez o curso entre 2015 e 2018. No entanto ele relatou que na faculdade não havia uma disciplina voltada para corte e costura, então

optou por fazer um curso de aperfeiçoamento para ter conhecimentos básicos e se aprimorar.

É o que me levou a esse ramo de trabalho... Eu fui demitido da empresa que eu trabalhava. A minha avó tinha umas máquinas. Como ela já faleceu, eu aproveitei as máquinas dela. Fiz um curso de corte e costura e comecei a trabalhar com isso. Quando eu comecei a atuar na facção, foi recentemente, né? No período da pandemia. porque eu comecei confeccionando máscaras para algumas empresas e depois eu passei a confeccionar camisas para uniformes e essas coisas aí. Aí quando eu saí do emprego de CLT, eu ainda estudava, eu fazia faculdade de design de moda em Belém do Pará, onde eu estudei de 2015 a 2018. E nesse período eu aproveitei para fazer o curso de costura do Senai, porque na faculdade não tinha a grade de ateliê, de corte e costura, apesar de ter o laboratório, de ter máquinas e tal. E em 2019 eu vim pra Sinop, onde eu comecei a trabalhar, né? Usando as máquinas que eu tinha, e comecei a trabalhar. Aí, na pandemia, eu fiz máscara (entrevistado Faccionista 02).

Em seus relatos Faccionista 02 conta que se mudou para Sinop no ano de 2019 devido as oportunidades que o município oferecia. Ele trouxe as máquinas que possuía e começou a trabalhar como faccionista no mesmo ano. Porém, ao se deparar com a Pandemia de Covid-19, no início do ano de 2020, seus planos iniciais foram desestruturados. Em meio ao desespero, ele conseguiu se manter fazendo máscaras para várias empresas, das quais eram obrigadas a fornecer as máscaras como equipamentos de segurança (EPIs) para prevenir a transmissão do vírus para outras pessoas. Nisso, após o contato inicial com essas empresas, ele passou a fazer uniformes, camisetas, e assim, foram surgindo vários outros serviços.

O bom de se trabalhar com facção é que você tem o seu próprio negócio, né? Por mais que seja puxado, né? Você ganha por produção. Mas me deu um alívio muito grande do que na época que eu era CLT (entrevistado Faccionista 02).

Ele relata também que trabalhar como faccionista tem o lado bom, que é ter seu próprio negócio, ter um trabalho com horários flexíveis, onde ele mesmo pode estabelecer sua remuneração, que no caso, é melhor do que quando trabalhava pela CLT.

A Faccionista 03 é proveniente da cidade de Itinga, no estado do Maranhão. Em meados do ano de 1994, ela trabalhou em uma laminadora, nessa época ela tinha 30 anos. Ela permaneceu na empresa por cinco anos, e ao ser demitida do emprego, com o acerto comprou tecidos e começou a fazer toalhas e colchas de cama bordadas para vender. Mas, relata que não demorou muito para que os vizinhos e moradores da cidade começassem a copiar sua ideia empreendedora. Devido a cidade ser pequena, e ao aumento da concorrência, as vendas caíram e a dificuldade de se conseguir novos clientes aumentou. Então a entrevistada migrou para um outro segmento, ela passou a vender roupas em uma feira livre como comerciante de rua, vulgo “camelô”. Ao passar do tempo ela conseguiu alugar um ponto comercial em uma avenida.

Para abastecer sua loja, ela comprava suas roupas em várias cidades distantes em outros estados, entre elas Goiânia, Recife e Fortaleza. Ela também relata que para manter a loja teve que fazer vendas fiado, e isso a levou a ter prejuízos financeiros. Assim, Faccionista 03 teve que fechar sua loja no ano de 2012, e decidiu vir para Sinop, pois sua filha já morava no município.

Eu sou maranhense, nasci no Maranhão, criei meus filhos no Maranhão. Lá, em 94, entrei numa empresa, trabalhei por cinco anos, saí da empresa, peguei o direito, comprei tecido, fui fazer toalha, coberta de cama, bordada, comprei a máquina de bordar e estava vendendo. Devido à cidade ser pequena, outras pessoas também começaram a fazer o mesmo serviço, então as vendas caíram, e aí eu mudei de vendas, mudei para roupa. Comecei a vender roupa, eu fazia compra em Ceará, no Pernambuco, em Goiânia, daí botei uma lojinha, comecei vendendo camelô, feira livre, depois aluguei um ponto na avenida, que a minha casa não era em rua comercial, aluguei um ponto na avenida e botei a lojinha. Eu fiquei trabalhando na loja, devido de muitas vendas fiadas e não receber, cada vez mais ficando mais difícil para se vender. Então, eu resolvi vir embora para o Mato Grosso. Minha filha já estava aqui no Mato Grosso. Aí, eu vim embora para o Mato Grosso (entrevistada Faccionista 03).

Ao chegar em Sinop, Faccionista 03 foi a procura de emprego, e conseguiu uma vaga de zeladora em uma empresa, onde trabalhou de 2012 a 2015. Ao se desligar da empresa, surgiu uma oportunidade de fazer um curso no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) de corte e costura, ao fazer curso no ano de 2016 começou a trabalhar em uma malharia de roupas infantis. Ao mesmo tempo que estava fazendo o curso e trabalhando na malharia, ela começou a adquirir máquinas de costura, utilizando seu salário e o dinheiro que recebeu do seguro-desemprego de seu trabalho anterior. Faccionista 03, já com 52 anos de idade, queria trabalhar como autônoma em sua casa, pois estava preocupada, devido sua idade e os perigos que estava vivenciando no trânsito da cidade.

Chegando aqui, fui atrás de emprego. Cheguei aqui em 2012. Aí, em 2012 a 2015, trabalhei de zeladora. saí de zeladora, fui trabalhar numa empresa, em 2016 a 2021, na malharia. Quando eu saí da empresa, eu, com o meu direito, fiz um curso, enquanto eu estava recebendo, seguro-desemprego, eu fiz um curso no SENAI de corte de costura. Quando eu fiz o curso, fui trabalhar na malharia de peça infantil, E daí fui comprando máquina, porque queria trabalhar pra mim mesma, né? Trabalhar sem ser empregada. Devido à idade, ficava mais difícil pra gente encontrar emprego, principalmente malharia, porque o serviço é muito rápido e isso que a pessoa com a certa idade não dá conta. Aí trabalhei nessa malharia e ao saí dessa malharia. Comecei a trabalhar por facção, né? Em 2021, comecei a trabalhar em facção, foi o tempo que passou a pandemia, o mercado ficou enfraquecido, aí fui mandada embora e fui trabalhar de facção. A vantagem é porque trabalhar por conta própria em facção, porque a gente faz o horário da gente, o tempo, também devido o trânsito, né, que o horário de entrada e saída do serviço, o pique é muito grande, é muito trânsito, perigoso pra quem anda de bicicleta. E aí, essa vantagem é grande pra gente trabalhar em casa e também cuidar de casa, e dá pra trabalhar e manter o meu salário (entrevistada Faccionista 03).

Mas somente ao se desligar da malharia onde trabalhou no período de 2016 a 2020, que Faccionista 03 começou a trabalhar com facção. Seu posicionamento referente as vantagens de ser faccionista, foi a comodidade e praticidade do trabalho em casa e o tempo que elas têm para cuidar dos afazeres domésticos diários.

#### 4.2 A terceirização nas facções de costura em Sinop-MT

Apesar do caráter promissor para o desenvolvimento das malharias, isso não é suficiente para formalizar os vínculos empregatícios com as costureiras (os). Conforme visto nos fragmentos dos depoimentos dos empreendedores, é que embora conseguiram montar suas empresas, eles optaram pelo modelo de negócio de facções de costura. O entrevistado Malharia 01 justifica sua escolha pelo modelo de negócio, como observado a seguir.

Aí, no decorrer do trabalho, foi aumentando as vendas, aumentando os clientes, e só eu e a mãe não estávamos dando mais conta de fazer o serviço. Então, a gente começou a procurar funcionário. Mas, como sou MEI, a gente não pode assinar carteira. Na verdade, só pode assinar a carteira de um funcionário, que, no caso, era da minha mãe. E isso também já ajudava ela na questão da aposentadoria, porque a carteira assinava por tempo de trabalho. Então, tinha algumas vizinhas que faziam costura e que conheciam outras costureiras que faziam esse tipo de serviço. Trabalhava em casa sem ser de carteira assinada, no caso, chamado de facção. Eu faço todo o material de corte, de produção aqui, já levo tudo para elas, só no ponto de elas fecharem, para pregar a gola, fechar a lateral, pregar a manga, porque cada camiseta, para a fabricação, tem uma etapa diferente. Cada máquina é uma parte de camiseta que faz. Então, surgiu essa oportunidade de continuar trabalhando sem precisar assinar a carteira, para não aumentar os meus custos, e eu não sair do microempreendedor, porque, pela situação que a gente se encontrava, não era viável. Porque ia ficar muito absurdo a questão de imposto, esses negócios que o governo cobra. Então, a gente começou a trabalhar com facção (entrevistado Malharia 01).

Outro fator que influencia na adoção do modelo de negócio de facção de costura é a sazonalidade dos pedidos. Como os principais clientes são faculdades, times de futebol não profissionais, empresas e praticantes de pescaria esportiva, as encomendas ficam sujeitas ao calendário de seus clientes. Sobre as faculdades, geralmente os alunos encomendam as casetas para turmas do curso, ou até mesmo fazem encomendas para camisetas a serem utilizadas no período de formatura. As empresas, fazem encomendas de uniformes, mas geralmente esses pedidos são realizados no início do ano.

Na área esportiva, dependem da realização de campeonatos de times amadores. Geralmente, nas faculdades isso ocorre entre junho e agosto quando são organizados os campeonatos entre as atléticas. Já sobre os campeonatos de futebol amador, as datas são variáveis. Geralmente os times encomendam 12 camisetas, e caso as datas dos jogos sejam próximas eles encomendam duas para cada jogador. Da mesma forma ocorre com os pescadores esportivos, pois eles se organizam em equipes para encomendarem as camisetas. Esses campeonatos ocorrem a partir de agosto.

Embora exista meses em que os rendimentos cobrem os custos, isso não é constante para manter funcionários registrados formalmente. Entrevistada Malharia 02, conta como entra em contato com as costureiras por meio de grupos de aplicativos, como por exemplo, pelo WhatsApp.

Bom, a partir do momento que a gente fecha o pedido, a gente já divulga, né? Tem um grupo de costureira, a gente divulga a necessidade e quem tiver disponível para pegar o serviço, a gente negocia. Quando a costureira vem fazer serviços na loja, nós pagamos a diária. E quando ela é feita na casa dela, é pago por peça. [...]

Tem dois lados, o pró e o contra, mas para a empresa eu acredito que seja melhor por questão de despesas com honorários de funcionários mesmo (entrevistada Malharia 02).

Outra questão abordada é que as malharias também dividem trabalhos entre si. Geralmente os empreendedores não possuem todas as máquinas para cumprir com um determinado pedido, daí buscam outra empresa com o equipamento necessário e terceirizam o processo, como é descrito pela entrevistada Malharia 03.

É, a gente encontra por meio de grupos, que a gente faz parte, E a gente divulga também o nosso trabalho. E nisso a gente trabalha com várias empresas, né? Temos várias empresas que trazem facção pra gente (entrevistada Malharia 03).

Com o intuito de pegar os serviços terceirizados de outras empresas o entrevistado Malharia 01 investiu em equipamentos, segundo seu relato a seguir.

Aí, como eu faço essa questão de equipe de futebol, eu tenho essas máquinas, e que as empresas aqui não têm elas. Eu terceirizo a questão de impressão e a questão de prensa, que é a pintura dessas camisetas, que são essas duas máquinas que eu tenho (entrevistado Malharia 01).

Vale ressaltar que Malharia 01 não tem todos os equipamentos que precisa, ele terceiriza os bordados. Ele também conta que quando tem uma alta demanda de serviço e para evitar que as máquinas fiquem paradas, ele mesmo, depois do horário de trabalho, em que faz o papel de vendedor e administrativo da empresa, ele mesmo vai operar as máquinas. Isso também se repete aos finais de semana.

Ao serem questionados sobre a forma de pagamento e valores praticados, os empreendedores detalharam alguns preços. Por exemplo, quando pegam camisas sociais, as costureiras têm que entregar tudo pronto, com os botões e bolso incluso. Então na peça de facção é pago em torno de R\$25,00 pela manga curta e R\$30,00 pela manga longa. Para colocar os botões é cobrado R\$2,50 por unidade.

Nas camisetas de modelo polo, existem algumas variações por serviço, se a costureira coloca a gola e os botões, ela recebe R\$10,50, caso ela coloque apenas a gola, ela recebe R\$ 9,00. Quando é camiseta simples, de gola redonda, é pago R\$ 4,50 por unidade. Se for gola V, é pago R\$ 5,00 por unidade. Camisa social; manga curta paga R\$ 20,00 por unidade, e já na manga longa paga R\$ 30,00 por unidade.

Ficou claro que pela declaração dos empreendedores, o uso do modelo de facção reduz custos. Eles preferem ao invés de contratar mais funcionários adquirirem mais máquinas para pegar serviços de outras malharias. Mas em meio a essa forma de pagamento por produção existe a perspectiva das costureiras.

Os faccionistas trabalham com várias malharias, pois quanto maior for sua rede de empresas, maior será o número de serviços, e consequentemente, maior será sua renda. Porém para ter um bom faturamento mensal, elas se sujeitam a trabalhar entre 12 e 16 horas por dia.

As declarações dos entrevistados mostram que o processo de terceirização dos serviços nas facções é complexo. Os papéis das empresas se confundem entre concorrentes e parceiros. Os proprietários das empresas, são prestadores de serviços em outras do mesmo ramo. As(os) costureiras(os) trabalham para diferentes facções. As condições de trabalho são tão flexíveis, que em alguns casos geram uma precarização das relações trabalho. A discussão vai além de direitos trabalhistas abordados em estudos anteriores, e chega a discussões delicadas como a “uberização de serviços”, ou sobre a identidade do empreendedor no mercado de trabalho.

Outro ponto observado que alguns empreendedores, com exceção de Malharia 02, que herdou um negócio de família, foram empregados pelo modelo de facção e

repetem o mesmo ciclo com os seus contratados. A necessidade de garantir a sobrevivência, tanto do empreendedor, quanto do faccionista, faz com que pautas sobre diretos trabalhistas sejam deixadas de lado. Porém esses não são os únicos problemas enfrentados pelo setor.

### 4.3 Principais dificuldades enfrentadas pelas facções de costura no município de Sinop

Conforme as entrevistas com os empreendedores foram avançando, foram identificadas outras dificuldades no segmento. A primeira, foi o preço da matéria prima na região, malhas com tecnologia UV, com *anti-peeling* e efeito repelente, utilizadas em uniformes de futebol e de equipes de pesca, são encontradas fora do município. As malharias geralmente compram no estado de Goiás. O fragmento a seguir é o relato da entrevistada Malharia 02, que diz sobre os benefícios da internet na pesquisa de novos fornecedores.

Já foi muito difícil, né? Hoje já está um pouco mais fácil, apesar de... governo, né? Enfim, mas hoje a gente já tem mais conhecimento, a internet ajuda muito também a questão de encontrar novos fornecedores, empresas que têm qualidade na matéria-prima e um valor que fica facilitado pra gente (entrevistada Malharia 02).

Como segunda dificuldade, foi a dificuldade de se obter financiamento, principalmente para abertura da empresa. A transição do faccionista, que realiza apenas os serviços de costura para adquirir máquinas é muito complicada, pois ele não possui *score* suficiente para ser aprovado por um banco. No relato a seguir Malharia 01 conta que só conseguiu financiamento por meio de uma cooperativa de crédito.

E todas essas malhas a gente só encontra fora. Então com essa compra eu tive que financiar, é claro que a gente não tem o dinheiro assim no montante. Tive que financiar as duas máquinas, as duas mais caras que eu tenho. A gente conseguiu financiar pelo Sicred porque também nenhum outro banco nem outra instituição ajuda o microempreendedor. Me indicaram o Banco da Amazônia, o Banco do Norte, acho Nordeste, alguma coisa. Um banco que seria uma boa ajuda para microempreendedor. Mas quando eu fui atrás, todo mundo fechou as portas, disse que não dava, eu tinha que ter pelo menos três anos de conta já com eles lá para poder gerar empréstimo (entrevistado Malharia 01).

A terceira dificuldade identificada foi o custo da energia. A partir do momento em que se investe em um número maior de máquinas e se aumenta o número de horas trabalhadas no local, conseqüentemente o custo energético aumenta. Isso muitas vezes, inviabiliza ou atrasa as expansões. Dos empreendedores entrevistados, 2 deles optaram por investir em placas solares para reduzir os custos, foram eles Malharia 01 e Malharia 02.

Como quarta dificuldade, verificou-se a qualidade da mão de obra. Como parte dos serviços é terceirizada, é necessário estabelecer um padrão de qualidade. Em alguns casos o que ocorre na entrega final, é a diferença no acabamento das peças, e isso acarreta impacto negativo na percepção do cliente. Muitas vezes é difícil encontrar uma costureira que faça totalmente o trabalho, ou costureiras que atingem o mesmo padrão de qualidade por possuírem máquinas diferentes. A entrevistada Malharia 02 chama atenção para esse fato conforme o relato a seguir.

Qualidade. Encontrar costureira, até encontra, mas a questão é a qualidade na mão de obra. Principalmente questão de maquinário também, que as costureiras têm em casa para prestar serviço. Mas o primordial mesmo é a qualidade, é o que a gente tem mais dificuldade (entrevistada Malharia 02).

A quinta dificuldade observada foi o enquadramento fiscal da facção, principalmente no período de expansão da empresa. O limite de faturamento para ser enquadrado como Microempreendedor Individual (MEI) é de 81 mil reais anuais, e caso esse valor seja excedido, é obrigatório solicitar o desenquadramento e passar a atuar como Microempresa (ME) ou Empresa de Pequeno Porte (EPP) (SEBRAE, 2022). Malharia 01 teve problema com o enquadramento fiscal conforme observado a seguir.

Então, quando a gente é focado em tudo, Mesmo que a gente faça 100% da gente para o serviço, a gente acaba falhando em alguns pontos, deixando para trás mesmo sem querer, sem perceber. Que foi de onde eu, como no decorrer do serviço, aumentei muito os clientes, então minha renda teve bastante dinheiro. E daí eu ultrapassei o limite do microempreendedor no ano de 2023. [...] Então, automaticamente, eu fui desenquadrado do MEI, final de 2023. E para mim, continuar de empresa aberta com o CNPJ, eu sou obrigado a contratar um contador, pagar o salário, um contador, mesmo se eu não tiver funcionário, sou obrigado a ter um sistema na malharia, que o sistema tem que estar vinculado direto com a SEFAZ e com a Receita. Só para mim, contratar o sistema, o mais barato que eu encontrei foi R\$6.050,00. Fora que esses R\$6.050,00 são para ele instalar o sistema e dar todo o treinamento. E eu tenho que pagar mais um salário todo mês para esse servidor desse sistema. Eu tenho que, todo mês, eu tenho que pagar um salário do sistema, mesmo eu ter comprado por R\$6.000,00 e meio. Então, para mim, se eu continuasse com o mesmo CNPJ, com a mesma empresa, saindo da MEI e sendo obrigado a ser uma ME ou Limitada, eu, tipo assim, mesmo se eu trabalhar 200% acima do que eu já trabalho, não ia conseguir, o meu faturamento não ia dar conta de suprir o que, como digo, os passivos, que são as contas (entrevistado Malharia 01).

Essas cinco dificuldades estão relacionadas ao ponto de vista de quem conseguiu empreender na facção de costura, mas “Quais seriam as dificuldades para quem só presta serviço no setor?”. Foram detectadas 5 principais dificuldades conforme relatos a seguir.

Para a Faccionista 01, embora ela tenha mais flexibilidade de trabalho, ela concorda que os horários ultrapassam a carga de 8 horas diárias, fazendo com que muitas vezes ela não se alimente direito ou descanse adequadamente, conforme seu relato abaixo.

O ruim é trabalhar até tarde da noite, passar dos nossos horários, às vezes até sem se alimentar direito, para poder entregar as suas encomendas no horário combinado. Tenho interesse, sim, de um dia abrir a minha própria malharia. Isso com certeza futuramente é um sonho. Já tenho bastante conhecimento, amo essa profissão, gosto muito de costurar, cortar, até mesmo fazer modelagem (Faccionista 01).

A Faccionista 03, chama atenção para a falta de um rendimento fixo decorrente da sazonalidade do fluxo de serviço. Ela observa que durante um mês há um grande movimento e no mês seguinte as encomendas caem bruscamente.



A desvantagem é porque a gente não tem um salário fixo, né, a gente não pode entrar numa loja e comprar, assim, uma coisa com um valor mais alto, porque tem mês que você ganha melhor, tem outro mês que você ganha menos, porque tem mês que você tem mais serviço, você trabalha mais apertado, trabalha mais rápido, aí você ganha mais. Mas tem outro mês que já cai, aí quando cai o serviço, a demanda de serviços, a porcentagem também abaixa, porque a gente trabalha na facção por porcentagem (Faccionista 03).

Já o Faccionista 02 apontou para falta de regularização do trabalho pela CLT. Pois, sem o pagamento ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), não há garantias e assistência caso o costureiro precise se afastar do serviço por motivo de doença ou acidente, conforme menciona em seu relato.

Já a parte ruim é a falta de assistência, né? Porque você, mesmo sendo MEI, você precisa correr atrás né, pra pagar o simples nacional. E pra garantir, se precisar, em caso de acidente, em caso de você ter algum tipo de problema de saúde que te impossibilite a trabalhar, você recorrer ao INSS, mas outros benefícios, assim, são bem complicados (Faccionista 02).

Além disso, reforçando o que as faccionistas 01 e 03 disseram, para que se mantenha um bom rendimento, é necessário pegar vários pedidos, de diversas empresas, e com isso acumular serviço para entregar em um prazo curto de tempo. Logo, para atender a demanda, é necessário ter uma jornada de trabalho que se estende ao período noturno, culminando em uma rotina exaustiva.

O Faccionista 02 acrescentou que não tem vontade de abrir uma malharia no futuro, pois apesar de gostar da facção de costura, no seu ponto de vista, a remuneração é muito baixa. Ele deixa claro que seu plano futuro é abrir um ateliê de alto costura, pois o rendimento é maior, e o poder aquisitivo da clientela é maior. Ele ressalta que costura voltada pra peças únicas feitas por medida, sempre foi seu foco desde a época em que fez o curso na faculdade de designer de moda. No fragmento a seguir explica seu ponto de vista em relação aos valores praticados pelo segmento.

Olha, eu não tenho interesse de abrir uma malharia no futuro, porém, eu tenho o interesse de abrir um ateliê de roupas sobe medida. Porque eu acredito que mesmo que seja um valor diferente, mas eu vou ter maior flexibilidade, né, confeccionando outros tipos de produtos. E eu gosto, eu gosto de trabalhar na facção, né, com esse sistema de facção, porque como eu trabalho em casa, eu produzo em casa, eu tenho as minhas máquinas industriais e o dia que eu não estiver a fim de trabalhar, eu simplesmente não vou, entendeu? Não abro o meu ateliê. E o meu ponto de vista com relação à malharia é... Eu acho que algumas malharias, principalmente aqui, elas entregam sim um trabalho de qualidade, principalmente na questão de estamparia, a *silk screen* e a sublimação. É um trabalho justo, porém não muito valorizado. Porque eu acho que os valores são muito baixos para você produzir em grandes quantidades. Eu acho que poderia ser um pouquinho melhor. pela carga pesada de trabalho que é dado. E eu acho que essa questão de melhoria da facção seria realmente a questão financeira. Porque às vezes você se mata de pegar aí quantidades absurdas de produtos e dependendo, porque às vezes se você for trabalhar terceirizado para alguma empresa, ela te fornece aquele material já cortado só para você montar. Então, eu acho que há uma desvalorização muito grande com relação aos valores por peças. E aí, você tem que se sobrecarregar cada vez mais para alcançar um valor justo (Faccionista 02).

Uma das grandes dificuldades encontrada nos relatos das costureiras(os), foi o excesso de trabalho que têm que cumprir para poder manter um rendimento razoável, e como isso implica diretamente nos valores praticados pelo mercado. De certa forma ocorre uma desvalorização da classe de costureiras(os). Também foi observado na maioria das vezes quando pegam pedidos para costurar, o prazo de entrega solicitado é muito curto, e isso leva a um número alto de horas trabalhadas, superior a 8 horas diárias, o que por consequência pode levar a acidentes trabalho. Como não recebem nenhum tipo de assistência, por não trabalharem dentro da CLT, correm o risco de além de ficarem impossibilitadas(os) de trabalhar, não recebem nenhum recurso financeiro para ajudar em sua reabilitação.

O Quadro 2 é um resumo das dificuldades encontradas entre empreendedores e costureiras(os) no ramo da facção de costura.

**Quadro 2. Principais dificuldades enfrentadas por facções de costura no município de Sinop-MT**

Perfil do faccionista	Principais dificuldades encontradas
Empreendedor(a)	1.Preço da matéria prima na região
	2.Falta de financiamento
	3.Elevado custo da energia
	4.Qualidade final das peças
	5.Enquadramento fiscal da empresa
Costureira(o)	1. Excesso de horas trabalhadas
	2.Dependência da sazonalidade de serviço
	3.Prazos de entrega apertados
	4. Baixo valor pago pelos serviços
	5.Falta de seguridade social

Fonte: dados da pesquisa

Os dados encontrados mostram uma diversidade de perfis de facções de costura no município. O quanto a capacidade de investimento diferencia os faccionistas, pois as preocupações dos empreendedores são diferentes das(os) costureiras(os). Embora estejam expostos ao efeito da demanda de serviço, suas condições de reagir dependem da quantidade de recursos que possuem.

#### 4.4 Discussão dos resultados

O segmento da facção de costura em Sinop é composto por diversas realidades. E as observações e relatos coletados entram em sintonia com que foi exposto na pesquisa de Barreto e Domingos (2014). Pois se percebeu as vantagens promovidas pelas facções de costura, como a possibilidade de costureiras(os) criarem seu próprio negócio por meio do investimento em máquinas. Embora nesta pesquisa, as autoras falam sobre o pouco investimento em máquinas. Isso não foi observado no município de Sinop. Em geral, investir em duas máquinas básicas de produção acarreta um investimento inicial de 20 mil reais, isso num cenário onde grande parte dos serviços de costura serão terceirizados. Em um cenário em que se tem todas as máquinas necessárias para produção, a valor final chega a 250 mil reais, isso sem falar no custo de energia e aluguel. Conforme descrito, mediante essas condições é fácil ultrapassar o limite de enquadramento fiscal da MEI.

Embora nas pesquisas de Pasinato (2021) e Valim (2019), os pesquisadores retratem o Mato Grosso, como grande produtor de algodão que contribui para a cadeia têxtil no estado, isso não foi observado em Sinop. Pois as facções de costura na região

utilizam malha sintética, e esse tipo de matéria prima é mais barata no estado de Goiás do que no estado do Mato Grosso.

Outro fator interessante, é que na cidade de Cuiabá, segundo Pasinato (2021), as facções se caracterizam por grandes marcas que subcontratam mão de obra. Já em Sinop, ocorre o processo descrito por Goulart Filho e Jenoveva-Neto (1997). No município do norte do Mato Grosso, a produção de peças de vestuário se organiza por meio da interação com pequenas empresas especializadas na produção de categorias de produtos específicos. Isso de certa forma confunde a identidade profissional do empreendedor, pois ele é empreendedor ao atender sua demanda de clientes, mas se torna subordinado ao pegar serviços de outras facções.

Porém no que diz respeito a gestão da mão de obra, esta pesquisa segue em convergência com as demais no campo de estudo sobre facções de costura. Porque verificou-se autodependência financeira, para adquirir matéria prima e investimento em estrutura; fraca identidade profissional para as costureiras (os), pois não há divisão entre os afazeres domésticos e profissionais; sazonalidade do trabalho quanto e insegurança de renda; além de elevada responsabilidade perante prejuízos quanto às peças danificadas.

## 5 CONCLUSÃO

Evidenciar o processo de terceirização nas facções de costura do município de Sinop-MT por meio de narrativas de empreendedores e costureiras(os) do setor, da voz a uma população que vive em uma região desenvolvida, mas que nem sempre recebe os benefícios desse progresso. Foi possível compreender a complexidade que esse modelo envolve, principalmente na gestão de mão de obra. Embora a geração de renda para o estado gire em torno de 421 milhões de reais, as facções de costura encontram dificuldades de se estabelecerem ou mesmo de expandirem, devido a restrição de impostos e enquadramentos fiscais, e acabam por precarizar a força de trabalho.

Como contribuição acadêmica este estudo utilizou a metodologia de História de Vida, para conhecer a visão de mundo de integrantes que compõem esse segmento. Como contribuição prática esta pesquisa levantou o perfil das facções de costura de Sinop, pois ao contrário ao que ocorre na capital Cuiabá, em que as facções se caracterizam por grandes marcas, no município elas são pequenas empresas especializadas na produção de categorias de produtos específicos.

E entender essa realidade é importante para o desenvolvimento de políticas públicas, pois o principal fator sobre a escolha desse modelo é a sazonalidade. Ao perguntar aos empreendedores o que o município poderia fazer para diminuir os impactos disso no setor, chamaram a atenção para os uniformes escolares do município, que são diferentes em cada escola. Uma padronização dessa vestimenta possibilitaria um novo nicho de mercado para esse setor, pois reduziria os custos de produção. Atualmente só grandes malharias conseguem atender essa demanda municipal.

Existe o interesse de se privilegiar a indústria têxtil local com base na cadeia produtiva de algodão do estado, porém os tecidos consumidos são de origem sintética, relacionados a derivados de petróleo e/ou fibras tecnológicas. Portanto, seria mais coerente rever a questão tributária desses materiais. Uma alternativa seria aumentar o mercado consumidor para fibra de algodão, por exemplo introduzindo isso por meio de uniformes escolares e incentivos tributários para compra dessa matéria prima.

A principal dificuldade enfrentada por esta pesquisa, foi encontrar entrevistados dispostos a ceder seu tempo para as entrevistas. Para estudos futuros, recomenda-se uma nova abordagem, com base nos resultados desta pesquisa, que utilize formulários para atingir um maior número de respondentes.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A.; SORJ, B. Subcontratação e trabalho a domicílio. In: MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza, RAMALHO, José Ricardo. (Org.) **Terceirização: diversidade e negociação no mundo do trabalho**. São Paulo: Hucitec, CEDI/NETS, 1994.

ANDRADE BALTAR, P. E. **A terceirização e a justiça do trabalho: projeto FAPESP n. 2007/55180-2, Programa CESIT/IE-FAPESP, 2009**. Disponível em: [https://www.trt4.jus.br/portais/media/431601/A\\_terceirizaAcao\\_e\\_a\\_justiAca\\_do\\_trabalho\\_26deoutubrode2009.pdf](https://www.trt4.jus.br/portais/media/431601/A_terceirizaAcao_e_a_justiAca_do_trabalho_26deoutubrode2009.pdf). Acesso em 22 jun. 2024.

BARRETO, M. R. B.; DOMINGOS, M. D. C. **O processo de implementação de facções de costura no município de Barreira e suas implicações econômicas, sociais e culturais**. Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Gestão Pública Municipal da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). Redenção-CE, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/478/1/Mara%20Rubia%20Brilhante%20Barreto.pdf>. Acesso em 26 maio 2024.

BASTOS, A. V. B. Comprometimento organizacional: um balanço dos resultados e desafios que cercam essa tradição de pesquisa. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 3, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901993000300005>. Acesso em 26 maio 2024.

BLATER, J.; HAVERLAND, M. **Designing case studies: explanatory approaches in small-N research**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

BUETTGEN, J. J. **Administração da produção**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

CARAVELA DADOS E ESTATÍSTICA. **Panorama atual do município de Sinop-MT**, 04 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.caravela.info/panorama/sinop--mt>. Acesso em 04 junho 2024.

CATOLINO, M. V. **Proposta de controladoria para indústrias de confecções de porte médio como suporte ao processo de gestão. 2002**. Tese do Mestrado em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5630/1/Controladoria%20empresarial.pdf>. Acesso em 30 de maio 2024.

CLOSS, L. Q.; ANTONELLO, C. S. O uso da história de vida para compreender processos de aprendizagem gerencial. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, v. 12, n. 4, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000400003>. Acesso em 30 de maio 2024.

COLBARI, A. Impasses e contrastes na modernização das empresas do setor de confecções. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 85-111, 2002. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/524>. Acesso em 30 de maio 2024.

CONCEIÇÃO, J. J.; LIMA, C. R. Empresários e trabalhadores diante da regulamentação da terceirização: é possível um acordo mínimo? In: DAU, D. M.; RODRIGUES, I. J.; CONCEIÇÃO, J. J. (Org.) **Terceirização no Brasil: do discurso da inovação à precarização do trabalho** (atualização do debate e perspectivas). São Paulo: Annablume, CUT, 2009. p.187-213.

CORREIA, H. **Terceirização na atividade-fim: julgamento do STF de 30/8/18**. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/286807/terceirizacao-na-atividade-fim--julgamento-do-stf-de-30-8-18>. Acesso em 22 jun. 2024.

CORTELETTI, R. F. Informalidade, terceirização, subcontratação e trabalho domiciliar: As facções de costura no Polo confeccionista de Pernambuco. In: LIMA, Jacob Carlos. (Org.). **O trabalho em territórios periféricos: estudos em três setores produtivos**. São Paulo, Annablume Editora Comunicações, 2020, pp. 67-98.

DENZIN, N. K. **Interpretive biography**. Newbury Park: Sage, 1989.

FAZOLO, V. **Industria del Vestuario: La cuestión de la subcontratación en las micro y pequeñas empresas de la gran Cuiabá, estado de Mato Grosso, Brasil**. Tesis (maestría em administración estratégica de negocios). Universidad Nacional de Misiones, Facultad de Ciencias Económicas. Posadas, Argentina, 2014. Disponível em: <https://cyt.fce.unam.edu.ar/documentos-cyt/categor%C3%ADa/publicaciones/documentos-trabajo/>. Acesso em 30 de maio 2024.

FERRAZZA, D. S.; ANTONELLO, C. S. O método de história de vida: contribuições para a compreensão de processos de aprendizagem nas organizações. **Revista Gestão.Org**, v. 15, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21714/1679-18272017v15n1.p22-36>. Acesso em 30 de maio 2024.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY, A. S. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da história de vida na pesquisa em administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 161–175, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n1.954>. Acesso em 30 de maio 2024.

GONÇALVES, K. C. M. **Análise da rotatividade de funcionários no setor de facção e confecção em Formiga – MG: um estudo de caso**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Administração do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais. Formiga, MG, 2016. Disponível em: [https://formiga.ifmg.edu.br/documents/2017/Publicacoes\\_TCCsBiblioteca/Gestao/Artigo-TCC.pdf](https://formiga.ifmg.edu.br/documents/2017/Publicacoes_TCCsBiblioteca/Gestao/Artigo-TCC.pdf). Acesso em 30 de maio 2024.

GOULART, D.; SILVEIRA, I.; ROSA, L.; NOVELLI, D. **Revista Projética**, Londrina, v. 12, n. 3, p. 108-128, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-2207.2021v12n3p108>. Acesso em 30 de maio 2024.

GOULARTI FILHO, A.; JENOVEVA-NETO, R. **A indústria do vestuário:** economia, estética e tecnologia. Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas de População Enviadas ao TCU em 2022.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em 18 maio, 2024.

IEMI INTELIGÊNCIA DE MERCADO. **Brasil têxtil 2023:** relatório setorial da indústria têxtil brasileira. São Paulo: IEMI, ABIT e Senai CETIQT, 2023.

JONES, G. R. Life history method. In: MORGAN, G. (Ed.) **Beyond method:** strategies for social research. Beverly Hills, CA: Sage, 1983. p. 147-159.

LIMA, A. M. S. **As faces da subcontratação do trabalho:** um estudo com trabalhadoras e trabalhadores da confecção de roupas de Cianorte e região. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=497902>. Acesso em 30 de maio 2024.

MATOS, J. O. **Os sentidos do trabalho:** a experiência de trabalhadoras de facções de costura da indústria de confecções do Ceará. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/2228>. Acesso em 30 de maio 2024.

MARCELINO, P.; CAVALCANTE, S. Por uma definição de terceirização. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 65, p. 331-346, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000200010>. Acesso em 21 jun., 2024.

MARCOLINO, G. F. **Indústria de confecção do vestuário de Criciúma e região:** uma análise da profissão de costureiro(a). Trabalho de conclusão de curso de tecnólogo, no Curso de Design de Moda da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC/SENAI), na linha de pesquisa em tecnologia da confecção do vestuário. Criciúma-SC, 2022. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/9391>. Acesso em 30 de maio 2024.

MUSSON, G. Life histories. In: CASSELL, C.; SYMON, G. (Ed.) **Essential guide to qualitative methods in organizational research.** London: Sage, 2004. p. 34-44.

PASINATO, C. B. **Saberes de costureiras: tecnologia e precariedade no ambiente de oficinas em Cuiabá, Mato Grosso (2018-2019).** Tese do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Faculdade de comunicações e Arte, Universidade Federal do Mato Grosso. Cuiabá, MT, 2021. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/3238>. Acesso em 30 de maio 2024.

SAMPIERI, R. H.; CALLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa.** 5ª ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, I. M. M.; SANTOS, R. S. A etapa de análise no método história de vida: uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, v. 17, n. 4, p. 714-9, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400012>. Acesso em: 26 maio 2024.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Limites para enquadramento do MEI**. 24 out. 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/limites-para-enquadramento-do-mei,a9563ed1fd4f2810VgnVCM100000d701210aRCRD#:~:text=Atualmente%2C%20o%20limite%20anual%20de,6%2C75%20mil%20por%20m%C3%AAs>. Acesso em: 26 maio 2024.

SILVEIRA, I.; SEIBEL, S. Método/técnicas aplicadas na gestão do capital intelectual nas empresas de vestuário. In: COLÓQUIO DE MODA, 13., Bauru, SP. **Anais eletrônicos** [...]. Bauru: FAAC/UNESP, 2017. GT06, p. 1-15. Disponível em: [https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt\\_06/gt\\_6\\_METODOS\\_TECNICAS\\_E\\_FERRAMENTAS.pdf](https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/GT/gt_06/gt_6_METODOS_TECNICAS_E_FERRAMENTAS.pdf). Acesso em: 26 maio 2024.

SIQUEIRA, L. B. **Informalidade e precarização**: o trabalho das costureiras de facção de Fortaleza/Ceará. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6844>. Acesso em: 30 maio 2024.

SOARES F. H. G. **A (in)visibilidade das costureiras faccionistas da indústria do vestuário de Teresina**. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Tecnologia em Design de Moda do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Teresina Zona Sul. Teresina, PI, 2022. Disponível em: [http://bia.ifpi.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1422/1/2022\\_tcc\\_fhgsoares.pdf](http://bia.ifpi.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1422/1/2022_tcc_fhgsoares.pdf). Acesso em: 30 maio 2024.

SPINDOLA, T; SANTOS, R. S. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm.**,v. 37, n. 2, p. 119-26, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342003000200014>. Acesso em: 30 maio 2024.

TREVISAN, L. V.; BANDEIRA, P. B.; SILVA, E. A.; SCHEFFER, A. B. B.; PEDROZO, E. A. Creating sustainable businesses and careers: analysis of entrepreneurs' life stories through the lens of career sustainability. **Revista de Administração da UFSM**, v. 15, n. 3, p. 469–490, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1983465970062>. Acesso em: 30 maio 2024.

VALIM, C. S. L. **Os efeitos da expansão da indústria têxtil na economia de Mato Grosso**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia), Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, 2019. Disponível em: <https://bdm.ufmt.br/handle/1/2395>. Acesso em: 30 maio 2024.